

2o Congreso Internacional Media Ecology and Image Studies - O protagonismo da narrativa imagética. GENEM – Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Br, San Pablo, 2019).

Relacionamiento, Tecnologías, Sinergias e Interface na Educação.

Quiroga Sergio Ricardo.

Cita:

Quiroga Sergio Ricardo (2019). *Relacionamiento, Tecnologías, Sinergias e Interface na Educação*. 2o Congreso Internacional Media Ecology and Image Studies - O protagonismo da narrativa imagética. GENEM – Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Br, San Pablo).

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/sergio.ricardo.quiroga/30>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pgPS/kF1>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.

meistudies

2º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – O protagonismo da narrativa imagética

Relacionamento, Tecnologias, Sinergias e Interface na Educação

Sergio Ricardo Quiroga¹

Resumo

Este trabalho é um estudo preliminar que tenta examinar as sinergias formadas pelos conceitos de relações, informação e tecnologia de comunicações Marta-Lazo (2016), o conceito de redarquía Marquez (2008,2011) e desenvolvimentos da interface Scolari (2018). O "fator relacional" contido no TRIC (Gabelas, Marta-Lazo e Aranda, 2012) simboliza interação, (co-criação, reflexão e, finalmente, humanismo digital que deve impregnar o processo educacional) na rede. Para as novas perspectivas que aprofundam a compreensão da TRIC, na educação, coexistem com as escolas ambíguas (Quiroga, Baldi, 2016), caracterizadas como aqueles que coexistem entre paredes e redes e precisa ser redesenhados em uma interface nova escola (Scolari, 2018).

Palavras chaves: Relacionamento, Tecnologias, Sinergias e Interface

Introdução

Este artigo é uma análise preliminar que busca examinar os pontos de encontro e sinergias formados entre os conceitos alistados nas Tecnologias de Relacionamento, Informação e Comunicação de Marta-Lazo (2016), o conceito de novo casamento de Márquez (2008, 2011) e a ideia de interface ampla de Scolari (2018).

O “Fator Relacional” contido no TRIC (Tecnologias de Relacionamento, Informação e Comunicação) em Gabelas, Marta-Lazo e Aranda (2012) simboliza a interação, co-criação, reflexão e, finalmente, humanismo digital que deve impregnar o processo de rede educacional. Diante de novas perspectivas que aprofundam a compreensão do TRIC, no campo da educação vivemos com escolas ambíguas (Quiroga, Baldi, 2016), caracterizadas como aquelas que coexistem entre a estrutura tradicional dos muros e tentam

¹ *Mestrado em Ensino Superior.*
Pesquisador do Instituto Cultural Argentino (ICAES).
Email: sergioricardoquiroga@gmail.com

se envolver no novo paradigma de redes e que precisam ser redesenhadas para uma nova interface escolar (Scolari, 2018).

A organização escolar é um espaço em que as tensões e os conflitos presentes na sociedade convergem e ver a escola como uma interface é uma idéia sugestiva e diferente. A escola assim concebida é constituída por uma rede de atores humanos e tecnológicos que interagem e mantêm diferentes tipos de relações entre si. Os atores humanos podem ser individuais ou institucionais (Scolari, 2018) e as interfaces não vivem isoladas e mantêm uma troca conflitante entre eles.

Como um detalhe interessante, em 1994, Lévy propôs o conceito de superlíngua para falar sobre algo novo, algo que ia além da oralidade e do texto impresso a ser localizado entre o diálogo multimídia e o coletivo que permite a rede digital (Lévy, 1994).

Transmedialidade

Transmedia pode ser definido como *“uma história narrativa - mundo narrativo -, tão grande que não se encaixa em uma única plataforma e se expande, precisa expandir-se, através de diferentes plataformas e formatos - ambos auto-referenciais -, construindo uma narrativa imersiva, imersiva, integrativa e narrativa. participativo”* (Jenkins, 2008, p. 33). Em seu livro "Convergence Culture", Jenkins nomeia e divulga o termo "transmídia storytelling".

Marshall McLuhan apontou que *“as consequências individuais e sociais de qualquer meio, ou seja, de qualquer uma de nossas extensões, resultam da nova escala que introduz em nossos negócios qualquer extensão ou nova tecnologia”* (McLuhan, 2009, p. 31).

Galán Ugartemendía, (2012) descreve as características da narrativa transmídia ou da transmedialidade como as seguintes:

- Um sistema narrativo complexo, dinâmico e aberto, multifatorial e multivariável.
- Uma fórmula narrativa das diferentes revisões da modernidade
- Uma narrativa conectada, colaborativa e imersiva que redefine a relação sujeito-objeto.
- Uma narrativa surgiu no início do século XXI devido à convergência da mídia que envolve a modificação das fórmulas produtivas e organizacionais da sociedade.

Digitalização

A digitalização pode ser caracterizada como "um processo através do qual os sinais elétricos passam de um domínio analógico para um binário" (Scolari, 2008, p. 80). Sem a digitalização, não haveria hipertexto nem interação, Scolari (2018) aponta e descreve que as novas formas de comunicação diferem das tradicionais em termos de:

- - Transformação tecnológica (digitalização)
- - Configuração de muitos para muitos (reticularidade)
- - Estruturas de texto não sequenciais (hipertextualidade)
- - Convergência de mídia e idiomas (multimídia)
- Participação ativa dos usuários (interatividade) (Scolari, 2008, p. 78).

Em *Networked: The New Social Operating System* autores Lee Rainie e Barry Wellman (2012) examinaram a aplicação das teorias de rede em diferentes níveis de experiência social. Os autores afirmam que houve três revoluções: a ascensão das redes sociais, a consolidação da Internet, a conectividade sempre ativa de dispositivos móveis (cada vez menores) que contribuíram para moldar uma nova ordem social "*um sistema operacional*" que combina possibilidades técnicas e práticas cotidianas. Se a sociedade foi organizada de pequenos grupos a hierarquias administrativas complexas, agora vivemos na era dos indivíduos interconectados. Esse "sistema operacional" oferece novas maneiras de resolver problemas e atender às necessidades sociais (Rainie e Wellman, 2012).

TRIC

O desenvolvimento persistente das Tecnologias de Relacionamento, Informação e Comunicação (TRIC) permitiu a criação de novos cenários de aprendizado, nos quais é possível obter informações rapidamente, transformá-las em conhecimento e compartilhá-las. Os TRICs servem como meio para o empoderamento do cidadão, por meio da apropriação pessoal, troca de mensagens e fortalecimento coletivo, com uma dimensão comunitária, que aborda o desenvolvimento de competências a partir de um senso de habilidades de aprendizagem da vida (Marta- Lazo e Gabelas, 2016).

A introdução lenta e progressiva de tecnologias no contexto educacional na Argentina pressupõe uma redefinição das funções de ensino e do processo de ensino-aprendizagem,

fenômenos que afetam a organização da escola e seus recursos, a dinâmica da sala de aula, comunicação com a comunidade educacional, relacionamento com as famílias, papel dos alunos nas aulas, inovação nas metodologias de ensino, etc.

O professor é um ator insubstituível no desenvolvimento de uma educação de qualidade que tem como horizonte uma vida melhor e a formação de alguns milhares de professores por ano em novas tecnologias, não conseguiu gerar no contexto argentino uma massa crítica que provoca a transformação educacional promovida com iniciativas governamentais (Quiroga, 2014). Nas escolas argentinas, o Programa Connect Igualdade implementado entre 2010-2015, diferentes ações como a distribuição de milhares de computadores nas escolas secundárias, a formação de professores (Especialização em Educação e TIC) e a maioria das províncias argentinas acompanharam esse processo esforço com a entrega de computadores na escola primária (Quiroga, 2014). Por outro lado, a superação das dificuldades de integrar novas tecnologias na educação geralmente acontecia em diferentes níveis das instituições de formação de professores e formadores com desigualdades de formação e salário.

Como enfatiza Spiegel (2013), estudante de tecnologias da informação e comunicação e escola, o acesso físico massivo a teclados e telas na escola era uma preocupação prioritária do mercado de produtos de informática. Os professores argentinos receberam um discurso fragmentado, opaco e contraditório das TIC (Spiegel, 2013) que produziu sentimentos de desconforto, confusão e fraqueza. Por um lado, as leis nacionais e provinciais da educação destacam a importância e a natureza obrigatória das TIC na educação e, por outro lado, não há desenhos curriculares para esta área.

O fator relacional

O conceito de “Fator Relacional” de Marta-Lazo e Gabelas (2016) constitui o eixo transversal que liga os usos, consumos e interações dos participantes da Sociedade em Rede. A tecnologia em si não é nada, deve estar a serviço da sociedade. homem e mulher, chamado "humanismo digital".

Marta Lazo destaca que a educomunicação permitiu a criação de pontes para aproveitar o potencial do Fator Relacional da comunicação na educação e nas possibilidades e recursos

educacionais no campo da comunicação, pois permite o desenvolvimento de competências digitais, expandindo as interações entre os assunto e tela.

Spiegel (2013) pensa em três distinções para explicar o funcionamento das TIC nas escolas. Em primeiro lugar, a diferença entre saber gerenciar e saber como as TIC funcionam, em segundo lugar, é o acesso físico e lógico às tecnologias e a distinção entre "nativos digitais e imigrantes digitais". As transformações radicais que a escola argentina deve gerar devem ocorrer com a prática de uma conversa social renovada por meio de processos democráticos entre todos os atores e onde existem consensos que apontam para concepções de educação ampliada, promovem educação de maior qualidade e geram oportunidades de mudança de melhoria da vida das pessoas. As mudanças que devem ser geradas respeitando as diferentes perspectivas, reflexões e propostas devem se concentrar na melhoria dos salários dos professores, treinamento contínuo e no uso progressivo de tecnologias exponenciais e disruptivas. Para isso, é necessário ter uma liderança gerencial que opte por flexibilidade, transversalidade e redarguia escolar (Cabrera).

A redarguia aparece como um modelo organizacional emergente característico das novas redes de colaboração aberta e é baseada nas interações que vários agentes (atores?). Mantêm entre si quando compartilham sua criatividade, talento e conhecimento de maneira aberta e transparente, em relações iguais.

Por outro lado, a redarguia é um modelo organizacional superior e transformador, oposto ao modelo organizacional hierárquico e vertical tradicional, em que as decisões fluem de cima para baixo. A ideia de redarguia foi definida pela primeira vez por José Cabrera (blog) e constitui uma nova ordem que funciona de baixo para cima e onde análises, decisões, propostas e soluções emergem como uma poderosa construção da inteligência coletiva. Na América Latina, o conceito de redarquia foi introduzido e desenvolvido por Marcelo Márquez em seu trabalho: Liderança, gerenciamento de equipes e redarguia (2011) e Gerenciamento de Talentos, o desafio de gerenciar a essência (2009). Redarguia aparece como uma estrutura natural das novas organizações em rede, entendendo e facilitando a inovação.

O surgimento e a integração sucessivos de tecnologias digitais em diferentes áreas da vida social e, especialmente, na educação, com rápida expansão por meio do acesso a dispositiva

e aumento da conectividade, como por meio da expansão de conteúdo digital e aprendizado eletrônico, é possível considerar uma escola como uma interface?

Scolari enfatizou que um meio de comunicação resulta em uma interface entre o cidadão e as notícias, é uma interface informativa da Revolução Industrial e da sociedade industrial. Hoje estamos indo para uma sociedade pós-industrial, onde todas as interfaces projetadas durante a sociedade industrial, os partidos políticos, os sindicatos, as escolas, são instituições que rangeram hoje, que precisam ser redesenhadas (Scolari, 2008).

Scolari (2019) propõe uma metodologia para analisar interfaces, significando interface não a clássica "interface de usuário", mas uma rede de atores humanos e tecnológicos que mantêm relacionamentos e evoluem. Na maneira de analisar uma interface, Scolari sugere iniciar os diferentes elementos que compõem um conjunto. Se a interface for uma rede de atores humanos e tecnológicos que interagem e mantêm diferentes tipos de relacionamentos, você deve começar com esses atores. Após a identificação em atores tecnológicos e humanos, individuais ou institucionais de uma interface, o próximo passo é identificar os relacionamentos que os unem e, posteriormente, os processos, as sequências de operações ou eventos que se desdobram ao longo do tempo. Scolari (2019) esclarece que as relações são expressas em um plano síncrono, enquanto os processos são expressos no plano diacrônico.

Conexões

Também é possível conectar as ideias do chamado “Fator Relacional” de Marta-Lazo contidas no TRIC (Tecnologias de Relacionamento, Informação e Comunicação), da interface de Scolari (2018), com o conceito de redarquia de Cabrera?

A interface sempre esteve conosco, ressalta Scolari, é uma rede de humanos que interagem entre si e que pode ser de uma organização social (a escola, por exemplo) a uma ferramenta simples. Scolari (2008) levou a uma ampla concepção do conceito de interface, pensada como uma pequena rede de atores humanos tecnológicos que interagem e, a partir dessa perspectiva, podemos pensar: a escola é uma interface, a educação é uma interface.

Escolas na redarquia, escolas como interface, com seus recursos organizacionais, podem avançar na inclusão de novas aprendizagens, no uso de novas tecnologias e na atenção

progressiva aos temas de drones, robótica, realidade virtual, blockchain, neurociência, big data, planejamento urbano e as experiências e conhecimentos do mundo empresarial.

Gerentes criativos e professores transformadores devem pensar em uma interface escolar, uma organização rica em interações e interconexões entre diferentes atores (humanos individuais e institucionais e tecnológicos) e mais em rede.

O valor da tecnologia é entendido a partir do uso que os alunos atribuem a ela e a qualquer projeto baseado na integração das TIC na escola, deve resolver como as novas tecnologias são aplicadas na sala de aula (planejamento) e como há uma mudança na metodologia de ensino.

A introdução das TIC na escola começa com o planejamento e implica mudanças na organização. Essas transformações podem ser profundas e variam da organização ao agrupamento de alunos. Uma questão estratégica para estabelecer e formular são as questões presentes: a organização das salas de aula facilita o aprendizado através das TIC? Os professores estão preparados? A organização estudantil é a mais apropriada? Os recursos disponíveis são os mais apropriados?

Por um lado, os professores devem ser capazes de gerenciar de maneira adequada e pedagógica as TICs e combinar metodologias tradicionais com formas inovadoras de ensino. Geralmente, as iniciativas para a implementação de tecnologias em sala de aula fracassam, em parte, devido a quatro possíveis dificuldades: 1) falta de conversa e diálogo entre os atores da escola; 2) uso de diferentes idiomas entre professores e alunos; 3) falta da cultura tecnológica de gestores e professores e 4) a falta de adaptação do conteúdo digital às necessidades do professor.

O treinamento em TIC e outros aspectos dos professores deve permitir aos educadores a possibilidade de adquirir as habilidades e competências que hoje requer uma educação transformadora, maximizar as possibilidades de tecnologia no contexto educacional, promover a necessidade de criar ou conhecer novas metodologias de ensino e apresentá-las e testá-las no processo de ensino-aprendizagem.

Inovar com as TIC significa adotar novas metodologias didáticas que promovam a aprendizagem colaborativa e uma maneira de ensinar centrada no aluno. As TIC e as redes sociais oferecem vários instrumentos colaborativos, que facilitam a interação educacional e educacional do professor e do aluno. Trata-se de resolver como as novas tecnologias são

aplicadas na sala de aula (planejamento), como são direcionadas para a formação e atualização de professores e como ocorre a mudança na metodologia de ensino. A integração de novas tecnologias a cada dia mais visível, não apenas pelo uso de novos dispositivos, mas também pela proliferação de conteúdo acessível através de computadores, telefones celulares, etc.

É possível propor uma conexão entre os conceitos de “Fator Relacional” de Marta-Lazo contida no TRIC (Relacionamento, Tecnologias da Informação e Comunicação), o conceito de redarguia de Cabrera desenvolvido por Márquez (2009-2001). A extensão da ideia da interface de Carlos Scolari, que fala com esquemas de transformação biológica, pode ser usada em outras áreas.

A escola precisa ser redesenhada e, dessa forma, a análise a partir de uma ampla concepção de Scolari das interfaces fornece uma perspectiva eco evolutiva que nos permite entender seus relacionamentos, processos e transformações. Scolari (2018) propôs um modelo de mudança tecnológica que dialoga com modelos de mudança biológica, mas que pode ser aplicado nas esferas social, educacional e política.

Bibliografía

- Gabelas, J.A., Marta-Lazo, C. & Aranda, D. (2012). Por qué las TRIC y no las TIC.COMEIN, 9. Recuperado de <http://www.uoc.edu/divulgacio/comein/es/numero09/articles/Article-Dani-Aranda.html>
- Galán Ugartemendía, J. (2012). La transmedialidad, una nueva gramática para el sujeto complejo. Revista Digital: Lecciones. Recuperado de: http://portalcomunicacion.com/lecciones_det.asp?id=71
- Jenkins, H. (2008). *Convergence Culture, La Cultura de la Convergencia de los Medios de Comunicación*, Barcelona, Paidós.
- Márquez, M. (2009). *Gestión del talento humano*. Editorial de la Universidad Nacional del Comahue Neuquén.
- Márquez, M. (2011). *Liderazgo, gestión de equipos y redarquía*. Ediciones la Herradura Neuquén.
- Marta-Lazo, C. y Gabelas Barroso, J.A. (2016). *Comunicación Digital. Un modelo basado en el Factor Relacional*. Barcelona: UOC Press.

McLuhan, M. (1964/2009). *Comprender los medios de comunicación*. Barcelona, Paidós Ibérica.

Quiroga Sergio Ricardo. (2014). Educación digital e hibridez escolar en Argentina. *Revista Contextos de Educación*. Año 14, Numero 17. Recuperado de <http://www.hum.unrc.edu.ar/publicaciones/contextos/>.

Quiroga, S (2012). *Tecnologías, comunicación y aprendizaje. El aprendizaje en la era digital*. Editorial Académica Española. Berlín.

Quiroga, S. (2016). Nuevas Narrativas y Transmedia: la actividad de las audiencias. *Revista Question*, Volumen 1, N° 51. Universidad Nacional de la Plata. Págs. 284-301. Recuperado de <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/3376/2857>.

Quiroga, S., Baldi López, G. (2016). Educación y narrativas: la imagen en movimiento. In *O Audiovisual Contemporâneo: Mercado, Educação e Novas Telas*. UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario. Rosario.

Rainie, L. Barry Wellman, B. (2012). *Networked: The New Social Operating System*, Cambridge, MA: MIT Press.

Scolari, C. (2008). *Hipermediaciones: Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva*. Barcelona. Gedisa.

Scolari, C. (2018). *Las leyes de la interfaz. Diseño, ecología, evolución, tecnología*. Barcelona. Gedisa.

Scolari, Carlos. (2019). ¿Cómo analizar una interfaz?. 10.13140/RG.2.2.35919.12961.

Spiegel, A. (2013). *Ni tan genios ni tan idiotas. Tecnologías: que enseñar a las nuevas generaciones (que no sepan)*. 1ra ed. Rosario. Homo Sapiens.